

**VIOLÊNCIA DE GÊNERO NO BULLYING: UM ESTUDO DE CASO COM MENINOS E MENINAS EM UMA ESCOLA DO LITORAL DO PARANÁ**

***GENDER VIOLENCE IN BULLYING: A CASE STUDY BETWEEN BOYS AND GIRLS AT A SCHOOL IN PARANÁ'S COAST***

Chrystiane Wienskoski <sup>1</sup>

Clóvis Wanzinack <sup>2</sup>

**Resumo**

O *bullying* é uma atitude agressiva, intencional e repetitiva adotada por uma ou mais pessoas contra outras podendo causar dor e angústia a vítima. Quando acontece na escola resulta no comprometimento da aprendizagem, da vontade de estudar e de todo o ambiente educativo. O presente artigo tem por objetivo apresentar o conceito do *bullying* e estudar os comportamentos relatados pelos/as adolescente acerca das características do *bullying* na escola em estudo. A metodologia da pesquisa baseou-se em observação do problema, busca nas produções científicas através de referências teóricas e pesquisa através de um *survey* aplicado no período de março de 2016. A pesquisa teve um n=100 alunos/as de um colégio situado no município em Matinhos, Litoral do Paraná. Os resultados coletados mostram que 52% dos meninos e 48% das meninas sofrem *bullying* no ambiente escolar e na maioria das vezes dentro de sala de aula. O *bullying* verbal por meio de xingamentos e apelidos é o mais comum segundo as vítimas e poucos/as procuram ajuda de familiares e dos/as professores/as. Uns preferem se calar outros/as resolver o problema sozinho/a. Deste modo, sugere-se a intensificação de estudos relacionados ao assunto e o desenvolvimento de ações e programas que envolvam a comunidade escola, em parceria com o Conselho Tutelar, a Patrulha Escolas e demais órgãos ligados à proteção da criança e do/a adolescente. E acima de tudo, haja um alarde para que essas vítimas se sintam protegidas a ponto de pedir ajuda.

**Palavras-chave:** Crianças; Adolescentes; Agressividade; Ambiente Escolar.

**Abstract**

*Bullying is an aggressive, intentional and repetitive attitude adopted by one or more people against others and can cause pain and distress to the victim. When it happens in school it results in the commitment of learning, the will to study and the whole educational environment. The purpose of this article is to present the concept of bullying and to study the behaviors reported by adolescents about the characteristics of bullying in the school under study. The methodology of the research was based on observation of the problem, search in scientific productions through theoretical references and research through a survey applied in the period of March 2016. The research had a n = 100 students from a college located in the municipality In Matinhos, Paraná's Coast. The results show that 52% of boys and 48% of girls suffer from bullying in the school environment and most of the time within the classroom. Verbal bullying through name-calling is the most common according to the victims and few seek help from family members and teachers. Some prefer to shut up others to solve the problem alone. In this way, it is suggested to intensify studies related to the subject and the development of actions and programs involving the school community, in partnership with the Guardianship Council, the Patrol Schools and*

---

**Artigo Científico:** Recebido em 08/09/2016 – Aprovado em 22/11/2016

<sup>1</sup> Bacharel em Gestão e Empreendedorismo pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). e-mail: [chrys\\_koski1@hotmail.com](mailto:chrys_koski1@hotmail.com)

<sup>2</sup> Doutorando e Mestre em Desenvolvimento Regional pela FURB, Professor da UFPR, Setor Litoral. e-mail: [cloviswa@gmail.com](mailto:cloviswa@gmail.com) (autor correspondente)

*other bodies related to the protection of the child and the adolescent. And above all, there is a splurge for these victims to feel protected the bridge of asking for help.*

**Keywords:** *Children; Teenagers; Aggressiveness; School Environment.*

## 1 Introdução

O que para muitas pessoas é apenas brincadeira, para algumas crianças pode ser um ato de constrangimento e de muita vergonha. Essas brincadeiras muitas vezes passam dos limites, tornando-se muito desagradável e conseqüentemente se transformando em *bullying*.

A palavra *bullying* é de origem inglesa e ainda não há correspondente na língua portuguesa que possibilite uma tradução. Vem do inglês *to bully*, que significa agredir, intimidar, atacar. Neste modo, *bullying* constitui o ato de ser um/uma agressor/a, intimidador/a, juntamente com todas as condutas usadas por esses/as agressores/as contra outras pessoas (CAMPOS; JORGE, 2010).

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2009), no Brasil a pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PENSE), realizada em 2009, com uma amostra de 60.973 alunos/as do 9º ano de 1453 escolas públicas e privadas das 26 capitais dos estados brasileiros, apontou que 5,4% dos/as estudantes relataram ter sofrido *bullying* quase sempre ou sempre nos últimos 30 dias anteriores a pesquisa. Os meninos apresentaram uma maior frequência de *bullying* e não houve diferenças entre escolas públicas e privadas.

O IBGE (2009) destaca que Brasília (DF) com 35,6% é a capital em que os/as alunos/as mais sofrem *bullying* seguido de Belo Horizonte 35,3%, Curitiba 35,2%, Vitória 33,3% e Porto Alegre 32,6%. O cadastro de seleção da amostra foi constituído por 6.780 escolas.

As conseqüências de uma vida escolar sofrida e exposta com *bullying* podem trazer sérias conseqüências como dor física, psicológica, emocional, exclusão, humilhação, ansiedade, raiva, tensão, tristeza, angústia, rejeição mágoa, desejo de vingança e depressão. Esses sentimentos podem perdurar por uma vida inteira, acarretando danos à autoestima e diversas fobias que se refletem tanto em ambiente escolar ou familiar. Isso conseqüentemente pode ocasionar desinteresse pela escola e pelos

estudos causando a evasão escolar (WANZINACK, 2014).

## 2 Metodologia

A presente pesquisa se deu em uma cidade do Litoral do Paraná, onde investigações recentes (WANZINACK; REIS, 2015) apontaram um expressivo indicador de estudantes que relataram terem sofrido/envolvidos/as com *bullying* na escola, além de pesquisas científicas pode perceber que certa parte da violência também é/foi noticiada pela mídia através de jornais e meios eletrônicos como WhatsApp e YouTube sendo necessário um aprofundamento maior para compreender tal fenômeno.

O trabalho de pesquisa foi realizado em quatro etapas:

A primeira parte ocorreu através da técnica de observação assistemática, que segundo Marconi; Lakatos (2003), consiste em recolher e registrar fatos da realidade sem que o/a pesquisador/a utilize meios técnicos especiais ou precise fazer perguntas diretas, aplicados em estudos exploratórios. Segundo Mattar (1996), a pesquisa exploratória é apropriada para os primeiros estágios de investigação criando familiaridade, conhecimento e a compreensão do fenômeno por parte do pesquisador/a.

O segundo passo foi se ateu na pesquisa bibliográfica:

A pesquisa bibliográfica é feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites. Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto. (FONSECA, 2002, p. 32).

O terceiro passo foi uma aplicação de pesquisa com *survey*. Onde a intenção é buscar informações diretamente com grupo de interesse aos dados que se deseja obter. Tratando-se de um a metodologia muito eficaz, em particularidade envolvendo pesquisas exploratórias e descritivas. A pesquisa *survey* pode ser utilizada como obtenção de dados ou opiniões de um determinado grupo de pessoas, utilizando-se um questionário como instrumento de pesquisa. Nesse caso o/a respondente não é identificável, portanto o sigilo é garantido (SILVEIRA; CÓRDOVA, 2009).

A pesquisa baseou-se de uma amostra de conveniência (não probabilística), com a participação de alunos/as que concordaram em participar voluntariamente da pesquisa. Os/as estudantes que responderam as questões foram alunos/as com idade média entre 13 e 16 anos, sendo 50 meninas e 50 meninos, totalizando 100 alunos/as. Segundo Gomes; Sanzovo (2013), a maior incidência de casos de *bullying* se concentra séries do ensino fundamental, onde estão a maioria das vítimas.

Antes da aplicação do questionário, ocorreu uma explicação do que seria *bullying*, para que os/as alunos/as tivessem total conhecimento sobre o assunto e que pudessem responder corretamente. Após a aplicação foi montado os gráficos no *excel* para uma melhor visualização e comparação dos dados coletados.

A quarta etapa foi tabulação e análise dos dados coletados. Deste modo, foram reunidas todas as informações e iniciou-se uma descrição dos dados coletados, com um embasamento de acordo com os artigos e livros revisados. Todas as informações dos/as aluno/as, bem como da escola, foram coletadas e mantidas em sigilo.

### 3 Resultados e discussão

Durante a correria do dia-a-dia, conteúdo a serem contemplados, a questão de entrega de notas, atividades e mais atividades a serem trabalhadas, muitas vezes o/a professor/a acaba não se atentando as brincadeiras recorrentes em sala de aula. Essas brincadeiras que normalmente ocorrem, acabam que se tornando repetitivas a ponto de deixar traumas e se transformar em *bullying*.

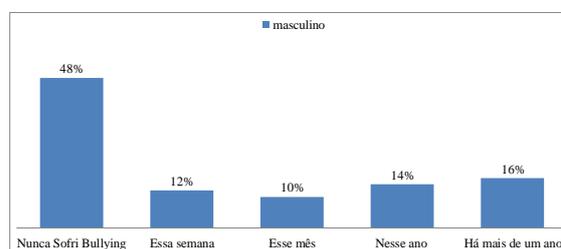
O colégio em estudo apresenta alunos/as com um perfil cultural, econômico, étnico e social muito

diferenciado. Alunos/as de classe média, alunos/as de classe baixa e alunos/as com boas condições de vida e outros com necessidades primárias (alimentação, vestuário e até mesmo acompanhamento dos pais). Esse perfil dos/as alunos/as traça uma diferença de cada indivíduo, que pode ser marcante nos casos de *bullying* registrados na pesquisa.

A pesquisa aponta que praticamente 50% dos/as alunos/as entrevistados já sofreram algum tipo de *bullying*, uma média alta se comparada com a capital do Paraná – Curitiba, que segundo pesquisa do IBGE (2009) houve um percentual de 35,2%.

No caso das meninas, 48% afirmam já ter sofrido algum tipo de *bullying* e 52% referente aos meninos. Lembrando que a concepção do ato de *bullying* foi dialogado previamente com os/as estudantes para que não houvesse equívocos do termo na hora das respostas.

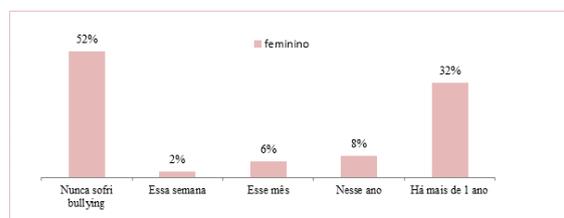
Dos meninos, que afirmaram ter sofrido *bullying* (26 meninos), 8 afirmaram ter sofrido há mais de um ano, 7 nesse ano, 5 nesse mês e 6 nesta semana (figura 1).



**Figura 1.** Quando foi a última vez que você sofreu algum tipo de *bullying* na escola - meninos?

Fonte: os/as autores/as (2016)

Das meninas que afirmaram sofrer *bullying* na escola (24 meninas), 16 sofreram há mais de um ano, 4 nesse ano, 3 no mês da pesquisa, e 1 na semana que a pesquisa foi realizada.



**Figura 2.** Quando foi a última vez que você sofreu algum tipo de *bullying* na escola - meninas?

Fonte: os/as autores/as (2016)

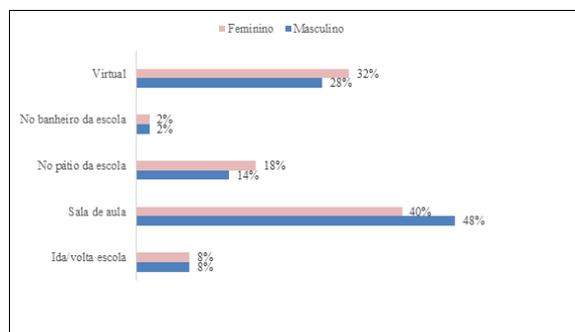
Na pesquisa, foi questionado que tipo de *bullying* o aluno/a já teria sofrido, alguns marcaram mais de uma opção. Dos alunos/as que afirmaram ter sofrido, a maioria independente do gênero, disse ser apelidado e que por esse momento riram dele/a. A violência física quase não foi abordada em ambos os gêneros. No quesito apelidos, e fofocas foram relatados vários casos de *cyberbullying* ou *bullying* virtual, pelas redes sociais e WhatsApp (tabela 1).

**Tabela 1.** Que tipo de *bullying* você sofreu?

Que tipo de <i>bullying</i> você sofreu?	Masculino	Feminino
Fui empurrado, fui chutado, bateram em mim.	6%	2%
Fui apelidado, riram de mim.	50%	70%
Contaram mentiras/fofocas a meu respeito	12%	46%
Roubaram algum pertence	10%	2%
Nunca sofri <i>bullying</i>	44%	48%

Fonte: os/as autores/as (2016).

Sobre o local onde esses/as alunos/as sofreram *bullying*, ambos os gêneros têm a maior ocorrência dentro de sala de aula, seguidos do pátio da escola e novamente relataram nas redes sociais.



**Figura 3.** Locais com maior ocorrência de *bullying*.

Fonte: os/as autores/as (2016)

De acordo com a pesquisa, os/as alunos/as disseram se sentir triste por ter sofrido tal violência, outros disseram que não os incomodou. As meninas ficaram com um psicológico mais abalado, e algumas assinalaram a opção de perder a vontade de ir para a escola depois de ter sofrido o *bullying*. Segue a tabela 2 sobre a consequência sentimental que os alunos/as possuem após receber *bullying* dos colegas.

Sobre a reação dos alunos/as que sofreram *bullying* na escola, entre os meninos a que se destacou foi à questão da autodefesa, sendo 54%. Muitos relataram durante a aplicação do questionário, que embora fiquem tristes, não levam “desaforo para a

casa” e que preferem resolver o problema mesmo em sala de aula. Entre as meninas, destaque para o silêncio.

**Tabela 2.** Consequência sentimental dos alunos que sofrem *bullying*.

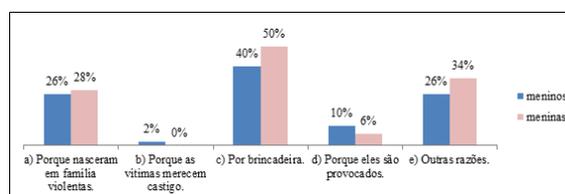
Como você se sentiu quando isso aconteceu?	Masculino	Feminino
Não me incomodou.	32%	22%
Me deixou triste	42%	42%
Me senti assustado	6%	6%
Fiquei com medo.	4%	6%
Não queria mais ir para escola	16%	24%

Fonte: os/as autores/as (2016).

Das garotas entrevistadas 50% delas preferiram ficar quietas e 40% choraram. Somente 26% resolveram reagir as agressões. Dos/as alunos/as que relataram sofrer *bullying* poucos pediram ajuda para a família ou até mesmo para os/as membros responsáveis da escola, preferindo então resolver o problema sozinho/a, revidando a violência no caso dos meninos ou calando-se diante da situação no caso das meninas.

Sobre o apoio dos/as professores/as aos/as alunos/as que sofrem *bullying* em sala de aula, 96% das meninas e 70% dos meninos disseram não receber apoio nenhum dos/as professores/as.

Quando os/as alunos/as foram questionados sobre o porquê os colegas de turma praticam o *bullying* (independentemente de ter sofrido *bullying* ou não) muitos responderam que acreditam que seja brincadeira, outros/as acreditam que os/as colegas agressores/as tenham nascido numa família violenta. As outras razões citadas são por eles/as seria, para que os agressores/as se sintam melhores do que os demais colegas de turma. Segue figura 4 ilustrando sobre o motivo pelo qual os/as alunos/as praticam *bullying*.



**Figura 4.** Por que os colegas praticam *bullying*.

Fonte: os/as autores/as (2016)

Sobre a reação dos/as alunos/as ao verem seus colegas receberem tal violência, 46% das meninas e 30% dos meninos disseram que pediram para que os/as agressores/as parassem de cometer *bullying*.

Dos meninos entrevistados 14% disseram não interromper a agressão, pois gostaram de ver o/a colega sofrer *bullying*. Alguns/as alunos/as, 24% dos meninos e 18% das meninas, disseram não suportar a violência e socorreram seus colegas.

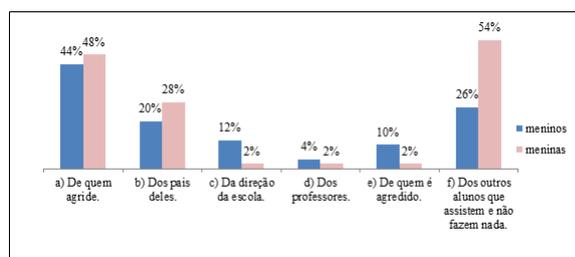
A tabela 3 ilustra a reação dos/as alunos/as referente a agressão aos/as seus/as colegas.

**Tabela 3.** Reação ao ver um colega sofrendo *bullying*

Reação ao ver um colega sofrendo Bullying.	Meninos	Meninas
Nunca vi ninguém sofrendo.	22%	30%
Eu não ajudei, mas gostei de ver	14%	0%
Pedi aos agressores que parassem.	30%	46%
Pedi socorro a direção professores, monitores.	10%	6%
Eu socorri o colega	24%	18%

Fonte: os/as autores/as (2016).

Os/as alunos/as também foram questionados sobre quem seria o culpado por ocorrerem tantos casos de *bullying* (figura 5). Tanto as meninas quanto os meninos disseram na grande maioria, que a culpa é o próprio agressor/a e de quem assiste a agressão e não faz absolutamente nada. Em terceiro lugar os alunos/as citaram os pais das crianças, alguns escreveram que os pais não dão educação suficiente para os seus/as filhos/as.



**Figura 5.** De quem é a culpa por existir *bullying* na escola?  
Fonte: os/as autores/as (2016)

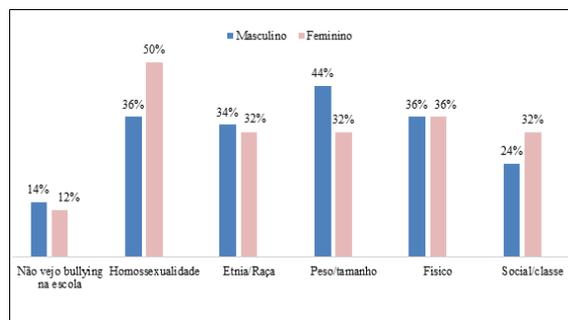
A partir de agora, a pesquisa parte para entrevistar possíveis agressores/as. A primeira pergunta foi, se o/a aluno/a já cometeu *bullying* ou não. Das 50 meninas entrevistadas, 80% disseram nunca ter cometido *bullying*, enquanto 20% admitiram já ter cometido tal ato. Entre os 50 meninos entrevistados 54% afirmaram nunca ter cometido e 46% afirmaram ter cometido *bullying*. Observa-se nesse momento,

uma grande diferença quando se trata do gênero do/a agressor/a.

Perguntado para os/a alunos/as que já cometeram *bullying*, o qual tipo de *bullying* ele/a cometeu contra os/as colegas, a grande maioria disse que a agressão foi verbal, por meio de xingamentos e apelidos maldosos.

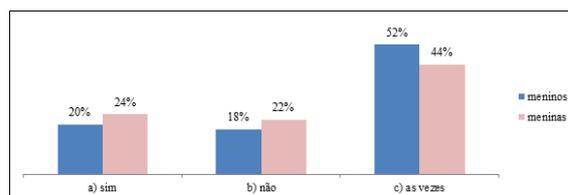
Sobre a sensação que esses alunos/as tiveram ao praticar *bullying* (os que praticam) a maioria tanto meninas quanto meninos responderam que fizeram somente porque tem certeza que fariam com eles/as também. Uma minoria disse que se sentiu bem.

Sobre o tipo de *bullying* que os alunos/as mais presenciaram na escola (os alunos assinalaram diversas alternativas entre as opções, homossexualidade, raça/etnia, peso e tamanho, físico ou social/classe), durante o período em que ficam na escola e em sala de aula, tanto para as meninas quanto para os meninos a questão do peso e da homossexualidade são os quesitos mais engajados pelos/as agressores/as. A figura 6 indica os tipos de agressões.



**Figura 6.** Tipos de *bullying* sofrido pelos alunos na escola.  
Fonte: os/as autores/as (2016)

Para finalizar a pesquisa, foi questionado a sobre o papel da escola (como comunidade) na solução dos casos de *bullying*. A maioria dos/as alunos/as acreditam que às vezes a escola soluciona ou pelo menos tenta solucionar (figura 7).



**Figura 7.** Participação da escola, na solução de casos de *bullying* na escola.  
Fonte: os/as autores/as (2016)

Muitos/as alunos/as falaram durante a aplicação do questionário que os casos de *bullying* não chegam até o/a professor/a, equipe pedagógica e direção, o que dificulta a punição para os/as autores/as de *bullying*. Quando esses casos chegam, muitos tratam como uma simples brincadeira. Os/as alunos/as também relataram um caso, em que a aluna, pediu para trocar de turma, porque não suportava tantas brincadeiras maldosas.

Além do caso de troca de turma, alguns alunos acabam abandonando a escola pelos fatores descritos nesse trabalho como apelidos e xingamentos, atitudes repetitivas que deixam essas vítimas desmotivadas.

Segundo Campos; Jorge (2010), uma das razões para a pouca importância dada ao *bullying* era a confusão feita entre esse fenômeno e as brincadeiras infantis, de modo que, quando uma criança ou jovem se queixava de ser humilhado ou perseguido, por exemplo, os responsáveis tendiam a interpretar como brincadeira, dizendo que aquele era um comportamento passageiro, recomendando que a vítima não ligasse. Para Rocha (2012), o *bullying* pode ser confundido com comportamentos casuais. Desse modo, o que diferencia comportamentos habituais, como agressões esporádicas entre os/as estudantes, das práticas de *bullying*, é a intenção e a repetição contra a mesma vítima.

De acordo com Fachin; Mizziara (2012) para que o *bullying* ocorra, três critérios devem ser preenchidos: (1) comportamento agressivo com intenção de prejudicar; (2) realizado repetidamente por um período de tempo; (3) relação interpessoal caracterizada por desigualdade de poder. E tudo isso ocorre sem que haja aparente provocação da vítima.

Conforme Rocha (2012) os estudos sobre *bullying* iniciaram-se no final dos anos 60 e início dos anos 70. Na época, as investigações ocorreram na Escandinávia e somente entre os anos 80 e 90 é que apareceram no Japão, Irlanda, Reino Unido, Austrália e Canadá entre outros países, os quais identificaram como uma síndrome social.

Ainda sobre o início dos estudos sobre *bullying*, Silva (2006), diz que um dos pioneiros na utilização desse termo foi Dan Olweus, professor e pesquisador da Universidade de Bergen, na Noruega, ao estudar tendências suicidas em adolescentes. Já no início dos anos 1970, ele investigava o problema dos/as agressores/as e suas vítimas na escola, embora

somente na década de 1980 – depois que três adolescentes entre 10 e 14 anos cometeram suicídio, aparentemente provocado por situações graves de *bullying*, as instituições passaram a demonstrar interesse pelo tema.

Segundo Rocha (2012), nos últimos anos ocorreu um aumento na incidência do *bullying* e revelam que tais comportamentos agressivos são usualmente dirigidos a minorias, com características físicas, socioeconômicas, de etnia e orientação sexual diferentes do “padrão” de normalidade estabelecido socialmente.

As observações e discussões sobre *bullying* realizado por Nogueira (2007) o comportamento de alunos/as e professores/as, resultaram na identificação de três tipos de atores envolvidos no estudo: o/a espectador/a, a vítima e o/a agressor/a. Os atores são aqueles que presenciam as situações de violência e não interfere, por dois motivos: ou porque tem medo de também ser atingido, ou porque sente prazer com o sofrimento da vítima. É comum o/a espectador/a desconsiderar o problema.

Os/as agressores/as, em geral, são caracterizados como pessoas arrogantes e desagradáveis. Na linha de pensamento de Nogueira (2007), alguns estudos indicam que o/a agressor/a provém de famílias pouco estruturadas emocionalmente, com baixo relacionamento afetivo entre seus membros, é fracamente supervisionado pelos pais e vive em ambientes onde o modelo para solucionar problemas é o comportamento agressivo ou explosivo.

Campos; Jorge (2010, p. 111) caracterizam as vítimas como:

Pessoas frágeis, que se sentem desiguais e prejudicadas, e que dificilmente pedem ajuda. Sem esperanças de adaptação no grupo, geralmente, sentem dificuldades ou quase impossibilidade de reagir aos ataques, ou mesmo de conversar com alguém sobre o problema. É comum terem poucos amigos, baixo desempenho escolar, medo ou falta de vontade de ir à escola, chegando, por isso, a simular doenças. Trocam de colégio com frequência ou abandonam os estudos, havendo casos de jovens que chegam a desenvolver extrema

depressão e/ou incapacidade para aprender.

Na linha de pensamento de Rocha (2012) a prática de *bullying* pode ser observada nas escolas e em outros ambientes, como o de trabalho, em casa, nas forças armadas, prisões, condomínios, clubes e asilos.

Segundo Baptista (2009) a escola tem sido identificada como o lugar da infância na sociedade contemporânea. Local de socialização que amplia as relações iniciadas na família. Espaço de aprendizado de códigos linguísticos específicos que facilitam a comunicação e o acesso ao conhecimento.

Nem sempre a escola é um paraíso para os/as estudantes. Alguns/as alunos/as, que sofrem com o *bullying* não enxergam a escola como um local de socialização e sim como um local que pode deixar marcas terenas no seu psicológico.

Entre os diversos tipos de *bullying* acontecem em ambiente escolar se destacam segundo Santos *et al.*, (2014) o físico, verbal e relacional. No *bullying* físico estão incluídas às diversas formas de agressões físicas (empurrões, socos, chutes e agressões com objetos) e danos materiais. No tipo verbal encontram-se presentes as ações como colocar apelidos, insultar, provocar, ridicularizar, ameaçar, responder com maus modos e fazer comentários racistas e/ou religiosos e no tipo relacional insere-se as agressões através de propagação de rumores e a exclusão ou o isolamento social.

Segundo Wanzinack (2014, p. 68), as expressões no *bullying* podem ser:

**Verbalmente:** insultar apelidar de forma constrangedora, pejorativa com piadas ou termos machistas, homofóbicos, racistas, que realçam as desigualdades sociais, entre outros.

**Fisicamente:** agressões físicas, bater, chutar, imobilizar a vítima.

**Materialmente:** adquirindo pertences da vítima contra sua vontade, incluindo objetos, equipamentos ou até mesmo dinheiro e comida/lanche.

**Psicologicamente:** quando o/a agressor cria mecanismos para aterrorizar a vítima, utilizando muitas vezes da chantagem,

fofocas, intrigas, mentiras, causando de modo frequente o isolamento social.

**Sexualmente:** uso da força física ou psicológica para obrigar a vítima a ter atos, práticas ou gestos sexualmente contra sua vontade deixando a vítima, muitas vezes, tão envergonhada que tem medo de denunciar.

**Virtualmente:** o chamado *cyberbullying*, que utiliza de recursos tecnológicos e a rede mundial de computadores (internet) com mensagens difamatórias, boatos, fofocas, fotos, vídeos, entre outros.

Embora os estudos sobre *bullying* tenha-se iniciado nos anos da década de 1970 na Europa, no Brasil esse estudo começou mais tarde. A atenção para a violência no ambiente escolar destaca-se a partir da década de 1980, cujos resultados mais sistemáticos para a compreensão do fenômeno decorrem de iniciativas do Poder Público em registrar ocorrências de violência nas escolas e apontavam as depredações, furtos e invasões como grandes problemas daquela época. Porém, somente a partir da década de 1990 e início dos anos de 2000 é que se focalizam estudos sobre as relações interpessoais agressivas envolvendo alunos/as, professores/as e outros agentes do meio escolar (YOSHINAGA 2015).

#### 4 Considerações finais

O trabalho apresentado tratou-se de uma investigação sobre o comportamento entre os/as alunos/as de um colégio do litoral do Paraná. Após uma minuciosa leitura sobre o conceito, tipos e casos de *bullying* no Brasil e até mesmo em outros países foi realizado a criação de um questionário a fim de entendermos como é a questão do *bullying* entre os/as alunos/as da escola em pesquisa.

Foi constatado com o estudo, que a quantidade de alunos/as que sofrem *bullying* na escola é maior que da média nacional e da capital do estado do Paraná. Como as questões foram divididas entre meninos (50) e meninas (50) da mesma faixa etária 13-15 anos, o estudo revelou que os meninos sofrem mais *bullying*

que as meninas, e que meninos preferem se defender do que conversar com os pais, professores/as ou coordenação pedagógica da escola e as meninas preferem ficar mais caladas diante ao fato.

Outro fator relevante nessa pesquisa, se dá ao tipo de *bullying* que mais acontece no ambiente escolar, no qual o verbal por meio de xingamentos e apelidos se destacou entre as vítimas e neste caso, as meninas sofrem mais que os meninos. Desses/as alunos/as que receberam ofensas a maioria contou que ficou triste e alguns citaram que perderam o entusiasmo de ir para a escola (um problema porque pode ocasionar e aumentar o número de alunos/as que evadem da escola).

Os/as alunos/as também colocaram que a maioria dos/as agressores/as cometem *bullying* por brincadeira e outros opinaram que por vir de família violenta acabam descontando nos colegas de turma. Alguns/as alunos/as citaram escrevendo paralelamente à questão, que muitos só querem aparecer e se sentir superior aos demais colegas de turma. Constatamos também que muitos não admitem cometer *bullying* e dizem que somente brincar com os colegas.

O dado mais surpreendente foi em referência à atitude da escola e dos/as professores/as em relação aos casos de *bullying*. É certo que muitos professores/as e coordenadores/as em roda de conversa na sala dos/as professores/as debatem que acreditam que o *bullying* não seja nada além de brincadeira e que serve para a vida, para que o/a aluno/a aprenda a se defender.

Por conta desse elevado número de casos de *bullying* na escola, e dessa impressão que os/as alunos/as têm de que, os/as professores/as e a escola, nada fazem para conter o problema, o projeto de pesquisa pode propor para minimização do problema palestras sobre o *bullying* na semana cultural, semana em que ocorre uma integração entre os/as alunos/as, professores/as, pais e comunidade num geral.

Outra posição a ser tomada, é a abordagem sobre o *bullying* feita pelos/as policiais que fazem ronda na escola (Patrulha Escolar) a fim de que os/as alunos/as tomem consciência de que, às vezes essa brincadeira de mal gosto, pode marcar para sempre o psicológico de uma criança ou de um/a adolescente.

As escolas devem procurar identificar a sua ocorrência e outras formas de violência nas relações interpessoais, visando incorporar ações de prevenção. Nessa tarefa, necessita-se de um esforço multidisciplinar, envolvendo pais, professores/as, funcionários/as da escola, médicos/as e especialistas em saúde em geral.

## Referências

- BAPTISTA, C. R. **Inclusão e escolarização**. Porto Alegre: Medição, 2009.
- CAMPOS, H. R.; JORGE, S. D. C. **Violência na escola: uma reflexão sobre *bullying* e a prática educativa**. Em aberto. Volume 23. Brasília, 2010.
- FACHIN, C. G.; MIZIARA, C. S. G. Perfil epidemiológico de crianças envolvidas com *bullying*. **Revista Saúde, Ética e Justiça**, v. 17, n. 1, p.30-37, 2012.
- FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila. 127p. Disponível em <<http://www.ia.ufrj.br/ppgea/conteudo/conteudo-2012-1/1SF/Sandra/apostilaMetodologia.pdf>>
- GOMES, L. F.; SANZOVO, N. M. **Bullying e prevenção da violência nas escolas: quebrando mitos, construindo verdades**. São Paulo: Saraiva, 2013.
- IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Pesquisa Nacional de saúde do escolar**. 2009. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/pense/comentarios.pdf>>
- MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos da Metodologia da Pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas 2003.
- MATTAR, F. **Pesquisa de marketing**. São Paulo: Atlas, 1996.
- NOGUEIRA, R. A prática de violência entre pares: o *bullying* nas escolas. **Revista Interamericana de Educación**, v. 37, p. 93-102, 2005.
- ROCHA, T. B. **Cyberbullying: Ódio, violência virtual e a profissão docente**. Brasília: Liber Livro, 2012.
- SANTOS, J. A.; XAVIER, A. C.; PAIVA, S. M. Prevalência em tipos de *bullying* em escolares de 13 a 17 anos. **Revista Salud**, v. 16, n. 2, p. 173-183, 2014.

SILVA, D. G. **Violência e estigma: bullying na escola**. 2006. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais Aplicadas), Unisinos, São Leopoldo, 2006.

SILVEIRA, D. T.; CÓRDOVA, F. P. Métodos de pesquisa. Porto Alegre: **Editora da UFRGS**, 2009.

YOSHINAGA, A. C. M. **Bullying e o trabalho do enfermeiro no contexto escolar**: validação de um programa de intervenção através do método Delphi. 2015. 123f. Dissertação (Mestrado em Enfermagem). Universidade de São Paulo. 2015.

WANZINACK, C. **Bullying e cyberbullying: faces silenciosas da violência**. In: SIERRA, J. C.;

SIGNORELLI, M. C. (Orgs.). Diversidade e educação: intersecções entre corpo, gênero/sexualidade, raça/etnia. Curitiba: UFPR, 2014. p. 62-76.

WANZINACK, C.; REIS, C. Violência no ambiente escolar: questões de poder entre estudantes do litoral do Paraná. In: Simpósio Brasileiro De Desenvolvimento Territorial Sustentável. 1., Matinhos, 2015. **Anais...** Curitiba: Brazil Publishing, 2016. p. 103-109.